

VERA BRITTO

Mestre em Letras e Professora da UNIFACS.

Nos dias de hoje, nem sempre é muito clara, até para os próprios autores, a distinção entre artigos e ensaios científicos. Ela entretanto existe, tanto que um é normatizado pela NBR 6022/1994 da ABNT (o artigo) e o outro não o é.

1 ARTIGO

1.1 DEFINIÇÃO

Modalidade de trabalho científico primário que se define por um discurso “envolvido” – o da descoberta do escritor-cientista – e por um discurso “envolvente” – porque o escritor busca o envolvimento da comunidade científica com o valor de verdade de sua descoberta. Geralmente, portanto, apresenta o resultado de estudos ou pesquisas **pequenas, porém completas**, que não constituem matéria para um livro.

A *NBR 6022* da ABNT admite a existência de dois outros tipos de artigos:

- a) o primeiro, denominado “versão preliminar”, é aquele artigo “explicitamente apresentado como abordagem inicial ou parcial de determinado assunto, em função de indisponibilidade temporária de dados, salvaguarda de propriedade industrial ou segurança nacional”.
- b) o segundo, de caráter secundário, uma espécie de

“revisão, quando resume, analisa e discute informações já publicadas”.

Todas as formas de artigos são publicadas em periódicos, especializados ou não.

1.2 ESTRUTURA

A estrutura dos artigos científicos está fixada em norma e é a seguinte:

a) elementos pré-textuais ou preliminares,

- título (e subtítulo, se houver, embora não seja aconselhável),
- autoria: nome do(s) autor(es) acompanhado(s) de suas credenciais (qualificação na área de que trata o artigo), da data de elaboração do trabalho e do local onde exerce suas atividades, com o respectivo endereço. Todo o bloco das credenciais e dos eventuais agradecimentos do autor deve aparecer em nota de rodapé na página de abertura, preferencial, mas não obrigatoriamente, visto que é possível transformá-lo em nota editorial colocada no fim do artigo,
- resumo: parágrafo redigido de acordo com a *NBR 6028* da mesma ABNT o qual deve conter o tema, os objetivos, a metodologia e as conclusões do artigo, redigido de forma concisa (algumas revistas exigem também a versão do resumo para língua de grande difusão, geralmente o inglês),
- palavras-chave: termos indicativos do conteúdo do artigo;

b) elementos textuais - corpo do artigo, subdividido em

- introdução: apresentação do assunto, objetivos, metodologia, li-

mitação (recorte) e proposições (i.é, aquilo que o autor defende no artigo),

- desenvolvimento: exposição, explicação ou demonstração do material, avaliação dos resultados e comparação com obras anteriores,
 - comentários e conclusões: dedução lógica dos elementos do desenvolvimento;
- c) elementos pós-textuais - parte referencial - notas ou referências bibliográficas (*NBR 6023/2000*), apêndices, anexos e, se essa for a opção, data e agradecimentos. A norma da ABNT recomenda que se evitem ao máximo as notas de rodapé ou de final de texto e a separação do texto de anexos e apêndices. Se, entretanto existirem, as citações devem ser apresentadas de acordo com a *NBR 10520*.

Nem sempre é necessário, em virtude das limitações impostas à extensão dos artigos - na maioria das vezes pelas características do tipo de pesquisa que gera artigos e também pela própria estrutura dos periódicos - explicitar subdivisões no *desenvolvimento*: elas se traduzirão na ordenação lógica do material. Entretanto, é recomendável numerar progressivamente todas as seções primárias: introdução, o título geral do desenvolvimento e a conclusão.

1.3 CONTEÚDO

Abrange aspectos variados, mas em geral apresenta temas ou abordagens novas, atuais, diferentes. Assim, ele pode:

- versar sobre estudo pessoal ou dar a temas polêmicos enfoque diverso daqueles com que até então foram tratados;

- oferecer soluções provi-sórias ou não para ques-tões controvertidas;
- abordar aspectos se-cundários levantados por alguma pesquisa mas não utilizados nela por desviar-se do pro-blema central;
- levar ao conhecimento do público especializa-do idéias novas para sondagem de opinião ou atualização de infor-mações.

2 ENSAIO CIENTÍFICO

2.1 DEFINIÇÃO

É uma situação de dis-curso secundário, i.é, o que é produzido referindo-se a descobertas de cientistas que não o autor do ensaio. Segundo SEGISMUNDO SPINA, ele oferece pontos de contato com a mono-grafia e a tese, diferindo delas pela forma eminentemente pessoal como o tema é tratado, ou seja, pelo **CARÁTER CRÍTICO** do escrito, sobre uma **questão científica**.

Caracteriza-se, funda-mentalmente, como “estu-do bem desenvolvido, for-mal, discursivo e conclu-dente que consiste em **ex-posição lógica e reflexiva** e em **argumentação rigoro-sa** com alto nível de **inter-pretção** e **juízo** do autor” (SALVADOR, apud SEVERINO, 2000, p. 152). Na medida em que, para isso, o autor não precisa apoiar-se em aparato de documentação empírica e bibliográfica, ele tem maior liberdade de defender de-terminada posição, mas exige grande informação

cultural e grande maturidade intelectual (SEVERINO, p. 153). Os autores, porém, têm dificuldade de caracterizar esse tipo de texto, denominando-o ora “artigo” ora “ensaio”, quer no resu-mo, quer no texto expandido.

2.2 TIPOS

Há dois tipos de ensaios cientifi-cos:

- informativo ou teórico** (con-vencimento)
- opinativo ou avaliativo** (per-suasão)

No ensaio **teórico**, o escritor-cien-tista apresenta argumentos favoráveis ou contrários a uma teoria ou a teori-as, enfocando um dado argumento e depois fatos (em geral do domínio público científico) que possam prová-lo ou refutá-lo.

O desenrolar da argumentação conduz à tomada de posição do autor quanto à teoria ou às teorias discuti-das, funcionando como conclusão do ensaio. Esta forma requer pesquisa e conhecimento profundos e reflexão intensa, sendo geralmente elaborada por especialistas experientes.

No ensaio **avaliativo**, confron-tam-se experiências conhecidas pelo ensaísta que são comparadas, apreci-adas, julgadas e transmitidas à comu-nidade científica a fim de que esta mude de opinião e aceite o ponto de vista do escritor ensaísta. Esta é a for-ma que costuma aparecer em suple-mentos culturais de jornais e revistas.

Embora outros autores não o fa-çam, CARMO-NETO (1992 p. 101) in-clui no seu livro um outro tipo de en-saio opinativo que é aquele

“ensaio (assinado) de jornal... no qual o autor pode estar interessado simples-mente em : dar uma opinião, prover uma solução alternativa a um certo problema polêmico sem entrar em quaisquer especificações metodológicas, criticar uma atitude de ação social, po-lítica ou econômica, comentar sobre uma minoria de certa ideologia, dar informação, opinar sobre um aconteci-mento que jamais poderá se realizar e corrigir ou demonstrar vieses apare-nentemente não percebidos”. Trata-se, já se vê, de uma diversidade temática tão

*grande, que dificilmente se poderia es-tabelecer um método de redação ou es-tabelecer uma estrutura. Assim, é pre-ferível considerar como **ensaios cien-tíficos** apenas as duas modalidades anteriormente citadas.*

2.3 ESTRUTURAS

Ensaio teórico e ensaio avaliativo têm estruturas diferentes (assim como são diferentes seus objetivos). São elas:

a) do ensaio teórico:

- exposição da teoria
- apresentação dos fatos
- síntese dos fatos
- conclusão

b) do ensaio avaliativo:

- apresentação - o que está sen-do avaliado
- avaliação - o valor da ques-tão (importância)
- exposição - razões, argumen-tos e provas
- finalização - conclusão, com encaminhamento e abertura de debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (RJ). **Normas sobre docu-mentação**. Rio de Janeiro: 1980-1994.
- _____. **NBR 6023: informação e docu-mentação - referências - elaboração**. Rio de Janeiro, 2000.
- BRENNER, Eliana de Moraes; DIAS, Célia Guimarães; JESUS, Dalena Maria Nas-cimento de. **Elaboração de trabalhos acadêmicos**: projeto de pesquisa, mono-grafia e artigo. 2. ed. Salvador: Universi-dade Salvador - UNIFACS, Coordena-ção de Pesquisa, 2000.
- CARMO-NETO, Dionísio. **Metodologia ci-entífica para principiantes**. Salvador: Ed. Universitária Americana, 1992.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodolo-gia do trabalho científico**. 21. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2000.
- SPINA, Segismundo. **Normas gerais para trabalhos de grau**: um breviário para o estudante de pós-graduação. 2. ed. melh. e ampl. São Paulo: Ática, 1984.

